

Quando o livro busca o leitor: um desafio que se tornou realidade no Distrito Federal com bibliotecas domiciliares e o Programa Mala do Livro

Neusa Dourado Freire

A Biblioteca Domiciliar, criada em 1990, é um Serviço de Extensão para Bibliotecas Públicas. Foi desenvolvida para atender a demanda de informação de uma comunidade carente no Distrito Federal e implantada pelo programa de Governo, Mala do Livro, instituído com este fim. Caracteriza-se por ser instalada em residências, o que reforça a importância e necessidade da biblioteca pública sair do seu limite geográfico, diversificar os meios e criar novos mecanismos, assegurando a todos o direito à leitura e à informação de forma democratizada.

Palavras-Chave: Biblioteca Pública - Distrito Federal (Brasil). Serviço de Extensão. Bibliotecas Domiciliares. Mala do Livro.

1 INTRODUÇÃO

A Biblioteca Domiciliar, criada em 1990, no Distrito Federal, como um Serviço de Extensão da Biblioteca Pública de Brasília, tem como principal característica inovadora levar informação diretamente à célula básica da comunidade - a família - e esta à vizinhança.

A originalidade da Biblioteca Pública de Brasília, ao desenvolver um grande trabalho em um pequeno espaço físico, tinha como propósito implementar ações voltadas a proporcionar meios para o estabelecimento de uma cidadania cultural. Isto assegurava a todos o direito ao processo criativo, ao fazer cultural, e à utilização de bens e produtos da manifestação cultural.

Adotou como princípio básico a busca incessante de serviços dirigidos ao desenvolvimento social e cultural do indivíduo, criando mecanismos que possibilitam uma atuação dinâmica frente ao leitor que sabe o que quer e uma determinação de conquista e transformação diante do não-leitor, ou seja " a grande maioria da população:

todos aqueles a quem a sociedade proporciona escassos meios para optar livremente” (Jeason *apud* Flusser, 1980).

A iniciativa de expandir a área de atuação da Biblioteca Pública de Brasília foi impulsionada pela valorização da sua função sociocultural. Assim, a biblioteca não se acomodou aos limites do seu espaço físico, ampliou horizontes, rompeu barreiras muitas vezes com ousadia, determinação e persistência e se firmou como instituição democrática de educação, cultura, informação e lazer.

Como Coordenadora do Programa de Bibliotecas do Distrito Federal, atenta ao planejamento das ações a serem desenvolvidas nas bibliotecas, em um processo contínuo de avaliação e percepção de demandas, identificamos uma situação peculiar, em Samambaia, cidade satélite do Distrito Federal, que merecia especial atenção. Tornava-se difícil realizar naquela comunidade um trabalho cultural de acordo com as necessidades locais, devido às condições inerentes a uma cidade recém criada, com crescimento vertiginoso, comportando uma explosão demográfica superior ao desenvolvimento urbanístico, social e de infra-estrutura.

Entretanto urgia encontrar uma solução.

Considerando as afirmações da equipe que elaborou o projeto Biblioteca Aberta - BIBA (1994) “as estatísticas sobre a realidade brasileira pedem que nós, cidadãos, descruzemos os braços. É preciso começar a investir na capacidade de criar soluções.” No Distrito Federal foi exatamente o que fizemos. Partimos para a busca de uma solução imediata, baseada na atuação que tínhamos na Biblioteca Pública de Brasília e na percepção das reais necessidades do Distrito Federal como um todo. Adaptamos a prática convencional à realidade local e criamos a BIBLIOTECA DOMICILIAR, que surgiu como um meio de superar as dificuldades existentes, uma alternativa viável a ser executada, considerando os recursos existentes à época.

A Biblioteca Domiciliar difere dos tradicionais Serviços de Extensão de Bibliotecas Públicas por vincular-se a residências e o leitor permanecer em seu próprio ambiente: **É O LIVRO EM BUSCA DO LEITOR.**

Para operacionalizar a implantação de bibliotecas domiciliares no Distrito Federal foi criado, pelo Governo do Distrito Federal, o Programa MALA DO LIVRO.

2 HISTÓRICO

Por que Samambaia?

Não foi a MALA DO LIVRO que escolheu Samambaia, mas foi Samambaia, que por suas características, estimulou a idealização deste programa criativo e transfor-

mador, verdadeiro desafio a romper obstáculos de origem tradicionalista no atendimento a comunidades carentes.

Ao confrontar no Distrito Federal a realidade de Brasília - Cidade Patrimônio Cultural da Humanidade - com a realidade das cidades que a cercam, configura-se a importância de estabelecer programas culturais diversificados, destinados a atender às exigências de cada cidade.

Localizada em uma área de 5.771 quilômetros quadrados, o Distrito Federal encontra-se demarcado aproximadamente ao centro do Planalto Central. Ao seu redor há cerca de 2 milhões de quilômetros quadrados de cerrado, estendendo-se sem variação significativa entre 1000 e 1300 metros acima do nível do mar.

É onde se encontra Brasília, a capital do Brasil, concebida como uma cidade-modelo, construída não a partir das condições brasileiras existentes, mas do futuro, em uma perspectiva de interiorização do País.

O projeto urbanístico de Brasília idealizado por Lúcio Costa previa, inicialmente, um núcleo central denominado Plano Piloto, onde estaria a sede do Governo Federal, e portanto uma cidade administrativa. Para construí-la vieram pessoas de todas as partes do Brasil, acenadas pela perspectiva de melhoria de vida.

Em 1958, a Companhia Urbanizadora da Nova Capital (NOVACAP), responsável pela construção de Brasília, decidiu criar, junto a esta, cidades satélites para proporcionar moradia aos modestos trabalhadores que construíam a cidade. A previsão inicial era de nove dessas cidades, formando assim o Distrito Federal.

O projeto urbanístico e, posteriormente, o projeto arquitetônico de Oscar Niemeyer foram concebidos para abrigar uma população máxima de 500 mil habitantes.

A época da idealização desse projeto, Brasília encontrava-se com 257.000 habitantes e 15 cidades satélites com 1.338.425 habitantes, perfazendo um total de aproximadamente 1.596.274 habitantes no Distrito Federal. No panorama atual, de acordo com o último Censo de 1996, já alcançamos 1.822.218 habitantes.

Merecem atenção as desigualdades sociais, econômicas e culturais existentes nessas cidades.

Samambaia, localizada a 30 quilômetros do Plano Piloto de Brasília, foi criada em 1985, para atender ao crescimento populacional do Distrito Federal que ultrapassava as previsões. Seu projeto urbano, traçado ao longo de eixos, facilita o transporte público e a distribuição das áreas de comércio e serviços.

Em 1989 a Secretaria de Cultura e Esportes do Governo do Distrito Federal criou a Casa de Cultura de Samambaia e, junto a esta, uma pequena biblioteca pública, vinculada à Coordenadoria do Programa de Bibliotecas daquela Secretaria, unidade

responsável pela Rede de Bibliotecas Públicas do Distrito Federal.

Em pouco tempo sentimos a necessidade de expandir os serviços de biblioteca. Em decorrência de dificuldades encontradas para criação de novas unidades procuramos outras alternativas.

Conhecíamos inúmeras experiências de serviços de extensão bibliotecária, utilizando os mais variados meios de transporte e de atendimento. Estes serviços, com características específicas, atuam sempre em praças, ruas, hospitais, presídios, instituições, paróquias etc., atendendo a usuários que, por razões diversas, não podem freqüentar bibliotecas

As reflexões iniciais ressaltaram a necessidade de um serviço de extensão vinculado à Biblioteca Pública local. Considerando que esta biblioteca, por suas condições técnicas e administrativas, não suportaria a criação e execução de um programa desta singularidade, a Coordenadoria do Programa de Bibliotecas propiciou um trabalho conjunto entre a Biblioteca Pública de Brasília e a de Samambaia, na busca de ampliar o atendimento.

O que realmente nos inspirou na idealização da Biblioteca Domiciliar foi a notícia que tínhamos de uma bibliotecária, na França, que levava à comunidade cestas com livros (informação verbal). Identificamos depois que o trabalho era realizado no subúrbio de Paris, em Clamart, onde a bibliotecária acomodava, nas muretas das ruas, cestas de padeiro cheias de livros e atendia ao público infantil. Localizar esta informação de uma forma precisa em artigo escrito pela própria bibliotecária, Genevieve Patte, foi uma dádiva, pela consideração que temos ao fato do seu exemplo ter nos inspirado.

Assim iniciamos, pessoalmente, como um teste, o que mais tarde serviria de subsídio para o desenvolvimento de um grande e promissor trabalho: adquirimos duas cestas de palha, enchemos de livros e partimos para a ação. A exemplo de Genevieve, (pois pela informação oral havíamos entendido que ela passava de casa em casa, na sua pequena comunidade) fomos para Samambaia e nos deparamos não com a solução que buscávamos, mas sim com um problema. Como atingir, com duas cestas, uma população espalhada em uma área de aproximadamente 105,97 quilômetros quadrados? Voltamos. Não como derrotados porque o entusiasmo era tanto que não havia espaço para derrotas. Mas o que fazer? Era necessário encontrar um caminho ou abrir um caminho... Se não podíamos passar de casa em casa por que não irmos a apenas uma casa? Estava nascendo mais uma modalidade de biblioteca, a BIBLIOTECA DOMICILIAR que tomou forma e se transformou em um grande desafio. O seu desenvolvimento foi consequência do amadurecimento da idéia básica, do planejamento e do acompanhamento direto das ações. O projeto se efetivou a partir da existência

de agentes comunitários engajados com o fazer cultural, mas também envolvidos com atividades peculiares ao seu dia a dia.

Ao levantar o referencial teórico para apresentar trabalho no XVIII CBBB, em 1997, pesquisamos sobre serviços de extensão, atendimento à comunidade, programas de incentivo à leitura e informação comunitária, entre outros assuntos pertinentes. Encontramos pela primeira vez, sete anos após a Biblioteca Domiciliar estar em funcionamento, referência a iniciativas de particulares que acolhiam crianças, de um modo quase familiar, sem vínculo institucional, para práticas de leitura (Patte,1988).

Observamos que as referidas experiências têm algo em comum com a Biblioteca Domiciliar pois ambas ocorrem fora da instituição, porém identificamos diferenças fundamentais tais como: são dirigidas unicamente para crianças, não estabelecem nenhuma formalidade, não pressupõem organização, o acervo é restritamente infantil e podem ser consideradas como pequenas realizações isoladas e familiares, voltadas para a leitura e entretenimento infantil. Seria a disponibilidade de uma mãe a dedicar um pouco do seu tempo para acolher os amigos de seus filhos e, juntos, descobrirem as maravilhas de uma boa leitura. Localizamos referência a iniciativas na Inglaterra, Estados Unidos e França.

3 DESCRIÇÃO

A Biblioteca Domiciliar, criada para interagir com o meio social, possibilita alcançar, gradativamente, todas as áreas de interesse da comunidade na qual está inserida.

É um serviço de extensão bibliotecária com características próprias, adotando um modelo que exige ajustes e adaptações para atender suas peculiaridades. Atua em uma perspectiva pró-ativa perante a comunidade, assumindo uma postura provocadora de demandas.

Segundo a professora Cléa Pimentel (1982) todo trabalho de extensão da biblioteca pública deve ter as seguintes características: “ser baseado na realidade local; estar voltado para as necessidades da comunidade; ser permanente e flexível; ser educacional, contínuo e evolutivo; ser cooperativo; possibilitar a avaliação dos resultados obtidos.”

Podemos considerar que a Biblioteca Domiciliar, tal como foi projetada, atende às recomendações acima. Surgiu de uma realidade local, procura atender a necessidade da comunidade na qual está inserida e é um trabalho essencialmente cooperativo. Por ser uma atividade nova, a Biblioteca Domiciliar foi se configurando a partir da sua implantação, sendo flexível para se adaptar a cada necessidade e evolutiva pela

sua condição de se envolver com o meio social. As sucessivas avaliações proporcionaram uma crescente adequação e uma gradativa melhoria na execução dos trabalhos.

Logo após um breve teste de viabilidade da idéia, animada com os resultados, em uma fase preliminar, procuramos ouvir profissionais de diversas áreas, além de membros da comunidade e usuários da biblioteca, em uma ação interativa e informal que posteriormente conduziu ao amadurecimento da proposta. Seguiu-se um período de conscientização e elaboração do planejamento, após o qual partimos para uma ação imediata de aplicação de um modelo experimental, utilizando cestas e livros doados pela comunidade. A participação e colaboração da nossa equipe de trabalho foi de fundamental importância na implantação do projeto.

Como se observa, a Biblioteca Domiciliar não seguiu as fases convencionais de planejamento de uma atividade e sua evolução foi uma conseqüência natural da aceitação e participação da comunidade.

Em meados de 1990 a Biblioteca Domiciliar foi apresentada, na Biblioteca Pública de Samambaia, aos futuros participantes do projeto, ou seja, líderes comunitários comprometidos espontaneamente com as questões culturais, e colocada à disposição da comunidade.

Inicialmente os livros eram ordenados sem nenhuma sistematização, pois a própria condição da cesta dificultava o processo. Tinham apenas o carimbo identificador. Acompanhava a cesta uma relação do material e seu empréstimo era controlado por uma simples anotação do agente.

O trabalho foi evoluindo e, como resultado das avaliações, novos procedimentos foram sendo adotados e feitas as complementações necessárias. As cestas foram substituídas por caixas estantes de madeira doadas pelo extinto Instituto Nacional do Livro - INL.

A Biblioteca Domiciliar existe a partir de quatro pressupostos básicos:

- usuário;
- agente voluntário do livro;
- residência sede;
- acervo.

Usuário: consideramos usuários da Biblioteca Domiciliar todos aqueles que moram na vizinhança da residência sede e manifestam interesse em usufruir dos recursos informacionais oferecidos, independente de idade, sexo, religião, cor, nacionalidade, situação social, nível de instrução e ideologia política.

Sendo o usuário a figura principal no contexto, a verdadeira razão da existência do programa, procuramos desenvolver ações que o valorizem na sua dimensão inte-

gral na busca do exercício pleno de cidadania.

Pretendemos que a Biblioteca Domiciliar atenda ao usuário que a procure, transforme o não-leitor em leitor e conquiste o usuário potencial, em um verdadeiro jogo de sedução que a Biblioteca Pública e seus serviços de extensão podem e devem explorar.

A Biblioteca Domiciliar deve ser um elo entre a biblioteca e o usuário, sensibilizando-o a frequentar a biblioteca pública local.

Agente Voluntário do Livro: selecionado entre os integrantes da comunidade, comprometido com o fazer cultural. De sua atuação voluntária e eficiente depende, em grande parte, o sucesso do empreendimento.

Residência-sede: local oferecido, espontaneamente, pelo agente voluntário do livro para instalação da Biblioteca Domiciliar e atendimento à vizinhança. Entendemos que comunidade difere de vizinhança na medida em que nesta não há sentimento de coparticipação e sociedade. A perspectiva é transformar cada vizinho da residência sede em usuário da Biblioteca Domiciliar, partícipe de um bem comum, logo, integrante da comunidade.

Acervo: todas as unidades possuem o mesmo tipo de acervo, variando apenas os títulos, o que propicia estabelecer um processo rotativo de acordo com os pedidos da comunidade, dando, a qualquer usuário, a oportunidade de usufruir deste acervo em sua totalidade.

O acervo é constituído basicamente dos seguintes documentos:

- livros;
- pastas com amostras, receitas, dicas, etc.;
- pastas com material para pesquisa;
- envelopes com ilustrações;
- pastas com informação comunitária;
- acervo artístico;
- brinquedoteca.

Livros: o livro é o elemento básico na formação do acervo da Biblioteca Domiciliar. Em um programa desta natureza pode-se priorizar o livro, quer pela aceitação do usuário, quer pelo sentimento afetivo que desperta, mas acima de tudo considerando a possibilidade de acesso pelas comunidades carentes.

Pastas com amostras, receitas dicas, etc.: procurando atender à demanda dos usuários, uma faixa populacional de baixo poder aquisitivo que necessita de ajuda para encontrar fontes alternativas de renda, ou estímulo para o aprimoramento de suas atividades, são confeccionadas pastas com amostras e receitas de trabalhos manuais, receitas culinárias, dicas e informações diversas.

Pastas com material para pesquisa: destinadas aos estudantes, essas pastas são compiladas com assuntos diversos selecionados para atender a demanda ou de acordo com datas comemorativas, uma vez que não constam do acervo enciclopédias e muitos livros para pesquisa. Exemplo: no mês de abril, material sobre Inconfidência Mineira, Brasília, Dia do Índio, Monteiro Lobato etc.

Envelopes com ilustrações: contêm recortes diversos - compatíveis com a pasta para pesquisa - e são doados aos estudantes, para serem utilizados nos trabalhos escolares, objetivando evitar danos ao acervo e levando-se em conta a dificuldade dos usuários conseguirem ilustrações para seus trabalhos. Exemplo: figuras históricas, fauna, flora etc.

Pastas com informação comunitária: as Bibliotecas Públicas têm adotado serviços de informação comunitária que, para Suaiden (1995) “foi um novo enfoque dado pelos bibliotecários ao mudarem a tradicional função informativa das bibliotecas em algo mais vivo e adequado às necessidades diárias da sociedade, sem esquecer nem descuidar dos grupos especializados que, por qualquer razão, estivessem numa posição desfavorável para obter informação”.

As pastas com informação utilitária são organizadas à exemplo desses serviços, em uma escala muito menor. Procuramos identificar o tipo de informação mais necessária à comunidade, considerando que “no contexto terceiro mundista o tipo de informação que mais interessa ao usuário é aquela que diz respeito ao seu dia a dia como: manutenção da casa, saúde, planejamento familiar, lazer, controle ambiental, assuntos legais, agricultura etc.” (Dumont, 1995). Como a biblioteca domiciliar é essencialmente voltada para comunidades carentes, reconhecemos o papel da Biblioteca Pública e dos seus bibliotecários perante esse público, pois de acordo com Mueller (1989) “entre as novas interpretações da função profissional estão a responsabilidade pela divulgação de informação necessária à sobrevivência - a chamada informação utilitária - tais como as relacionadas à saúde ou aos direitos trabalhistas, por exemplo”.

Acervo artístico: constituído por reproduções de pinturas, gravuras, tapeçarias, fotografias etc. Objetiva sensibilizar o usuário para as expressões artísticas, procurando manter um equilíbrio entre a arte e a capacidade de percebê-la. Com um trabalho gradativo de valorização da arte, buscando entender o universo dos usuários, pode-se despertar novos interesses e conseguir conscientizá-los a apreciar e produzir o belo. O acervo artístico, assim como os livros, é emprestado ao público.

Brinquedoteca: foi incorporada à Biblioteca Domiciliar com o objetivo de proporcionar à criança múltiplas atividades que enriquecem a vivência, oferecendo-lhe oportunidade de brincar; na brincadeira a criança mergulha na fantasia, no sonho, solta a

imaginação e constrói seu próprio mundo, às vezes criando e recriando novos brinquedos e brincadeiras.

Os jogos e brinquedos despertam muito interesse e oferecem à criança a brincadeira, estimulando desta maneira a imaginação e o seu conseqüente potencial lúdico e criador, fundamentais ao desenvolvimento integral do futuro cidadão.

Segundo Nylse Helena da Silva Cunha, criadora da primeira brinquedoteca no Brasil “ toda criança precisa usufruir os benefícios emocionais, intelectuais e culturais que as atividades lúdicas proporcionam, mas nem todas as crianças têm esta oportunidade, ou porque precisam estudar, ou porque não podem atrapalhar os adultos...” ou porque nunca tiveram jogos nem brinquedos, mas poderão tê-los na Biblioteca Domiciliar.

4 OPERACIONALIZAÇÃO

O preparo técnico do acervo da Biblioteca Domiciliar deve ser realizado na Biblioteca Pública a qual o programa esteja vinculado.

Considerando a necessidade de simplificar os procedimentos adotados no processamento técnico do acervo, empréstimo e atendimento ao usuário, adotamos regras especiais, efetuadas a partir de adaptações das normas convencionais, a fim de facilitar o serviço do responsável pelas atividades e possibilitar o entendimento e completo engajamento do agente voluntário. Tanto o processamento quanto o atendimento são efetuados em apenas dois tipos de formulários que cruzam as informações do usuário com as informações do acervo e foram criados especialmente para esse fim. Convencionamos utilizar cores como meio organizacional.

Torna-se necessário sensibilizar o agente para um bom atendimento. Ele recebe o acervo todo preparado, entretanto deve conhecer os mecanismos de preparo e deve saber porque este procedimento é realizado. Do treinamento depende a capacidade do agente executar as atividades, mas o seu bom desempenho exige um acompanhamento constante. Não basta entregar uma biblioteca domiciliar pronta, é necessário treinar, acompanhar e orientar suas atividades.

5 PROGRAMA MALA DO LIVRO

Após a criação da Biblioteca Domiciliar sentimos necessidade de um instrumento que garantisse a sua operacionalização e idealizamos assim, ainda em 1990, o pro-

grama do Governo do Distrito Federal, Mala do Livro, como suporte à implantação de bibliotecas domiciliares no Distrito Federal. Este Programa desenvolveu-se a cada ano e já estava completamente consolidado quando foi institucionalizado pelo Decreto nº 17.972, de 20 de dezembro de 1996, que “Institui o Programa de Extensão Bibliotecária Mala do Livro - Biblioteca Domiciliar...”

A Mala do Livro implantou em 1990 duas bibliotecas domiciliares. Já em 1992 o Programa estava em plena evolução: novos itens foram introduzidos ao acervo, aperfeiçoamos os formulários, iniciamos o trabalho com pastas que mais tarde deram origem à “ Série Gostar de Fazer.” Naquele ano, o Programa implantou mais oito bibliotecas domiciliares. Intensificamos as visitas às residências-sede, que passaram a ser semanais, o que nos possibilitou identificar demandas, treinar melhor os agentes voluntários e nos permitiu realizar, pessoalmente, a implantação da Mala do Livro, de 1990 a início de 1996, e acompanhar passo a passo a sua história. O programa se firmava cada vez mais, o que nos estimulava a realizar sucessivas investidas no seu crescimento. Por se tratar de uma atividade nova a implantação das suas unidades foi lenta e gradativa, durante o período de teste, o que nos possibilitou chegar ao modelo que consideramos ideal, com ajustes, aprimoramentos e novas idealizações. O Programa Mala do Livro realizou uma verdadeira auto-ajuda ao seu desenvolvimento.

Em 1995 criamos mais uma biblioteca domiciliar em Samambaia e, a partir desta data, a Mala do Livro rompeu suas fronteiras de origem e foram criadas mais cinco bibliotecas domiciliares: três em Santa Maria, duas no Riacho Fundo, sendo uma na zona rural, local propício a uma grande atuação do programa.

O fato de ter encerrado minhas atividades como profissional de Biblioteconomia na área pública, em 1996, não causou a interrupção do programa. Pelo contrário, ele cresceu, conduzido por uma equipe interessada e atenta a sua expansão e divulgação.

O Governo do Distrito Federal valorizou a Mala do Livro e a colocou entre as suas ações prioritárias. A Secretaria de Cultura acreditou neste programa. A Coordenadoria do Programa de Bibliotecas, de onde ele surgiu, investiu na sua expansão.

O Programa Mala do Livro já implantou 500 (quinhentas) bibliotecas domiciliares em quase todas as cidades do Distrito Federal, resultado de uma ação interativa em que o IBAMA fornecia a madeira, os detentos do Núcleo de Custódia executavam as caixas, a comunidade doava livros, a mídia local apoiava com divulgação e a Coordenadoria do Programa de Bibliotecas impulsionava esta grande realização.

Sempre entendemos que a Biblioteca Domiciliar não deveria ficar limitada ao âmbito do Distrito Federal e vemos que já está conhecida no Brasil e até mesmo no exterior.

Foi gratificante saber que esse trabalho que começamos tão despretenciosamente mereceu o reconhecimento da Fundação FORD, Fundação Getúlio Vargas e BNDES que o classificou entre os cinco primeiros projetos brasileiros, em um universo de 600 projetos na área de gestão pública e Cidadania, sendo premiado como destaque.

Hoje o Programa Mala do Livro não é mais um desafio...é uma realidade.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 BIBLIOTECA aberta - BIBA. In: CONGRESSO LATINO - AMERICANO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 2; CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 17, 1994, Belo Horizonte. *Anais... Belo Horizonte* : Associação dos Bibliotecários de Minas Gerais, 1994. p. 625 - 624
- 2 CUNHA, Nylce Helena da Silva. Brinquedoteca : definição histórica no Brasil e no mundo. In : O DIREITO de brincar ; Brinquedoteca. São Paulo: Scritta ABRINQ, 1992 p.35-48.
- 3 DUMONY, Ligia Maria Moreira. *O não-usuário de serviços de informação, este ilustre desconhecido*. In: CONGRESSO LATINO - AMERICANO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 2; CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 17, 1994, Belo Horizonte, *Anais... Belo Horizonte* : Associação dos Bibliotecários de Minas Gerais, 1994.p. 697-718.
- 4 FREIRE, Neusa Dourado. Biblioteca Domiciliar: uma experiência no Distrito Federal com o Programa Mala do Livro. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 18, 1997, SÃO LUÍS, *Anais... São Luís* : Associação Profissional de Bibliotecários do Estado do Maranhão, 1997.
- 5 JEASON, Francis *apud* FLUSSER, Victor. Uma Biblioteca verdadeiramente pública. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*. Belo Horizonte v.9, n.2, p.132 set. 1980.
- 6 MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. Perfil do bibliotecário, serviços e responsabilidades na área de informação, e formação profissional. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*. ABDF, v. 17, n. 1, p. 63, jan./jun. 1989.
- 7 PATTE, Genevieve. A Biblioteca fora dos muros: algumas experiências. *Pir lim pim pim*: Rio de Janeiro, n. 1, p. 39-44, out./dez. 1988.
- 8 PIMENTEL, Cléa Dubeaux Pinto. Biblioteca Pública e Biblioteca escolar : uma integração necessária. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 11, 1982, João Pessoa, *Anais... João Pessoa* : Associação Profissional de Bibliotecários da Paraíba, 1982. p. 1-15.
- 9 SUAIKEN, Emir. *Biblioteca pública e informação à comunidade*. São Paulo : Global, 1986. 268 p.

When the Book Looks for its Readers: the public library finding solutions to promote reading literature in poor areas of Brasilia-Brazil, using the Community Home Libraries Program and the Bookchest Project.

The Community Home Libraries Program was created in 1990 as an outreach project for the public library system. The program targeted poor communities that didn't have access to any public library nearby. The Bookchest Project was a solution to bring books to a large community with a very low budget. The project selected and trained community leaders to establish "home libraries" in their own houses/homes. Thus, a community leader would provide the facility while the Public Library System would provide books and the Bookchest. The project also trained librarians to assist and to supervise "home libraries" regularly. Through providing different kinds of literature, the project found a way to promote and stimulate reading within poor communities where it is not a daily practice. The Bookchest Project developed a democratic concept of libraries, in Brasília, by creating a mobile library that would go everywhere it is needed.

Key words: Public Library. Extension Service. Home Library. Bookchest Program.

Neusa Dourado Freire

Bibliotecária, Coordenadora do Programa de Bibliotecas da Secretaria de Cultura do Distrito Federal no período de 1988 a 1996, quando implantou a Rede de Bibliotecas Públicas de Brasília, idealizou as Bibliotecas Domiciliares e implantou o Programa Mala do Livro.

SHIS QI 17 Conj. 11 Casa 02

71645-110 Brasília-DF

(061) 248-1436 Telefax 248-2869 E-mail: neusafreire@hotmail.com
